

Representações discentes sobre as relações com os saberes compartilhados nas aulas de educação física: narrativas (auto)biográfica de um professor-pesquisador

Students' representations of the relationships to shared knowledge in physical education classes: (auto)biographical narratives of a teacher-researcher

Pedro Gabriel Viana do Amaral
Universidade Federal de Minas Gerais
Minas Gerais — Brasil

Darlene Fabri Ferreira Rocha
Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória — Brasil

Luciana Venâncio
Luiz Sanches Neto
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza — Brasil

Resumo

Trata-se de uma pesquisa narrativa que investiga as relações, de um grupo de crianças do 1º ano, com saberes mobilizados na vivência com jogos e brincadeiras tradicionais. A abordagem é qualitativa, baseada na (auto)biografia, em que, a partir da seleção de sete desenhos dos/as estudantes e da narrativa docente, lança-se mão da técnica de análise de imagens paradas. Busca-se compreender como e quais relações com os saberes são construídas e evidenciadas a partir dos dados gerados e analisados. Observa-se que, apesar da resistência inicial, que exige estratégias, negociações, diálogo com professoras polivalentes e atenção ao tempo pedagogicamente necessário, destaca-se o fortalecimento dos vínculos e o uso de múltiplas linguagens (oral, escrita, imagética e corporal) como mobilizadoras dos desejos singulares e coletivos acerca do que os sujeitos aprenderam nas aulas.

Palavras-chave: Jogos e brincadeiras tradicionais; Pesquisa-ação-formação; Relação com o saber.

Abstract

This narrative research investigates the relationship between a group of first-grade children and the knowledge mobilized in their experience with traditional play and games. The approach is qualitative, based on (auto)biography, in which, from the selection of seven student's drawings and the teacher's narrative, the technique of still images analysis is employed. The aim is to understand how and what relationships to knowledge are constructed and evidenced from the data generated and analyzed. We observed that, despite initial resistance, which required strategies, negotiations, dialogue with primary school teachers and attention to the pedagogically necessary time, the strengthening of bonds and the use of multiple languages (oral, written, imagery and corporal) stood out as mobilizers of singular and collective desires about what the students learned in class.

Keywords: Traditional games and activities; Action-research-formation; Relationship to knowledge.

Introdução

Os jogos e as brincadeiras tradicionais compõem o patrimônio cultural imaterial da humanidade, sendo transmitidos principalmente por meio da oralidade (Kishimoto, 1993; Marin, 2022). No universo infantil, essas práticas são reconhecidas por possibilitarem a liberdade, a autonomia e a criatividade das crianças e, de acordo com Marin (2017, p.3), nestas práticas, “há sempre a promessa de um devir”, pois, ainda que ancoradas na tradição, trazem novidades em cada vivência, permeada por situações imprevistas que exigem negociações, adaptações e reinvenções.

Nesse contexto, a escola, especialmente por meio dos currículos de Educação Física (EF), ao ensinar, problematizar e tematizar as vivências com jogos e brincadeiras, contribui também para a preservação de seus aspectos históricos, sociais e culturais (Venâncio; Sanches Neto, 2011). Por meio de uma construção relacional, singular e coletiva, professores/as e estudantes, podem preservar e também ressignificar valores culturais ao reproduzir, criar e/ou recriar os jogos, as brincadeiras e a cultura que (re)constroem coletivamente (Palma *et al.*, 2015).

Diante destas dimensões sociais, é importante situar que os saberes são mobilizados por sujeitos singulares, pertencentes a um dado período histórico e cultural. Neste sentido, esta pesquisa produziu dados e reflexões inscritas em um dado contexto escolar, no ano de 2023. Durante as aulas de EF, ministrada por um dos autores deste trabalho, uma turma de 1º ano dos anos iniciais do ensino fundamental se mostrava resistente em brincar coletivamente e de aprender novas brincadeiras.

A partir disso, algumas hipóteses foram levantadas para a compreensão dessas resistências: (1) são sujeitos/as que ainda colhem os processos intensos da pandemia de Covid-19, quarentena e distanciamento social, em que as relações interpessoais foram prejudicadas (Silva *et al.*, 2021); (2) a transição da educação infantil para o ingresso no ensino fundamental, o que pode gerar inseguranças e medos (Souza *et al.*, 2020); e (3) as construções de vínculos entre as crianças e o professor-pesquisador, que ainda estavam recentes (Sanches Neto, 2024).

Esse cenário o mobilizou a construir um trabalho com os jogos e brincadeiras tradicionais no 1º semestre de 2023, por meio das trocas com as crianças, na elaboração de estratégias didáticas, negociações e avaliações. Essa trajetória se mostrou permeada de

potências, tensões e contradições, mas, que ao fim, possibilitou aproximações destas crianças com jogos e brincadeiras, com o grupo e o professor-pesquisador.

Neste sentido, lançamos mão da seguinte pergunta balizadora deste trabalho: como se constituem as relações com os saberes, no trabalho com jogos e brincadeiras tradicionais, em uma turma de 1º ano do ensino fundamental, atravessada por experiências de distanciamento social, transição de etapa de ensino e construção de vínculos com os novos professores?

Para isso, optamos em utilizar duas perspectivas teórico-metodológicas:

- Das pesquisas narrativas, mais especificamente das (auto)biografias, entendendo que, por meio dessas, as crianças e o professor-pesquisador reinventam e reconstroem a relação com a sua própria existência (Souza, 2011). Neste sentido, lançamos mão de desenhos produzidos pelas crianças acerca do tema trabalho, entrelaçadas aos relatos do docente acerca deste processo de ensino-aprendizagem.
- Das relações com os saberes, cuja premissa busca entender o que mobiliza os/as sujeitos/as a desejar aprender (Charlot, 2000). Com respeito às individualidades e às intersubjetividades das crianças, a perspectiva foi ampliada pela busca à pluralidade das relações com os saberes (Venâncio, 2014), bem como às idiossincrasias do trabalho docente realizado pelo professor-pesquisador (Charlot, 2005)

Portanto, tivemos como objetivo compreender as relações com os saberes, singulares e coletivas, de um grupo de crianças acerca dos jogos e das brincadeiras tradicionais.

Caminhos teórico-metodológicos

Esta é uma pesquisa qualitativa que lança mão da perspectiva narrativa e da pesquisa-ação-formação. Através do entrelaçamento das vozes dos/as autores/as e participantes (Silva; Carneiro, 2023), propõe-se uma aposta biopolítica e bioética, na qual estes sujeitos sociais se (re)apropriam do poder de refletir sobre a construção de suas vidas, produzindo novas artes formadoras da existência (Pineau, 2006).

Optamos pela elaboração de narrativas (auto)biográficas, que se refere à (auto)biografia (Venâncio; Sanches Neto, 2019b), está-se diante de uma pesquisa-ação-formação que centraliza a escuta dos/as sujeitos/as — crianças, professores/as e

Representações discentes sobre as relações com os saberes compartilhados nas aulas de educação física: narrativas (auto)biográfica de um professor-pesquisador

pesquisadores/as —, suas histórias e memórias (Moraes; Souza, 2016), buscando compreender os sentidos e significados que constroem com os jogos e as brincadeiras tradicionais a partir de “suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante o processo de biografização” (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 371).

Entendendo que os/as sujeitos/as mobilizam saberes ao confrontarem-se com o mundo, a partir de um processo relacional, a teoria da relação com o saber contribui para a interpretação e compreensão das narrativas, ao lançar luz sobre as figuras do aprender que permeiam as aulas: os objetos saberes, os objetos a serem aprendidos, atividades a serem dominadas e os dispositivos relacionais (Charlot, 2000; Venâncio, 2014).

Indissociáveis às figuras, Charlot (2000) discute que existem três modos relacionais em que os/as sujeitos/as são provocados/as a se pronunciar diante dos saberes, sendo eles: a relação epistêmica, em que há uma aproximação inicial ou um aprofundamento acerca de um determinado objeto; a relação identitária, em que há uma identificação com o objeto, a partir da cultura, história e desejos; a relação social, que são os signos pré-concebidos acerca do objeto.

No que tange a contextualização e a identidade territorial desta investigação, trata-se de uma escola particular, localizada na região centro-sul de Belo Horizonte, composta por áreas verdes, dois pátios, parquinho, refeitório, salas de aula, biblioteca, brinquedoteca, sala de almofadas, sala de fantasias, copa e sala criativa. Ela atende um público majoritariamente branco, de classe média alta de Belo Horizonte e região metropolitana. A turma, integrante desta narrativa, era composta por 23 estudantes do 1º ano do ensino fundamental (crianças com 6 e 7 anos de idade). Do total de crianças, 11 são meninas brancas e uma menina negra; 10 meninos brancos e um menino negro. O professor-pesquisador é um homem branco e gay.

No primeiro semestre de 2023, foram desenvolvidas atividades com jogos e brincadeiras tradicionais, visando ampliar o repertório corporal e cultural das crianças e fortalecer o vínculo com o professor-pesquisador. A cada duas aulas, uma brincadeira era aprofundada, priorizando a qualidade do brincar. Para avaliar o processo, os/as alunos/as desenharam os jogos de que mais gostaram.

Tendo em vista que o desenho pode revelar percepções das crianças que extrapolam a realidade material, expressando afetos, imaginação e vínculos com o outro (Gobbi, 2009), foram priorizados aqueles que apareciam com mais frequência (recorrência) e que se

destacavam por trazer algo único ou diferente. Logo, sete foram selecionados e categorizados como “Jogos e brincadeiras coletivas”, “Amarelinhas” e “Piões”.

Contudo, analisar as imagens “soltas” poderia abrir margem para ambiguidades, sendo necessário a utilização de outros textos a fim de localizar essas produções no tempo, espaço e cultura (Penn, 2017). Neste sentido, nos inspiramos na técnica de Gemma Penn (2017), que em diálogo com a semiologia e a semiótica propõe os seguintes caminhos para análise:

1. Escolhendo o material: tal qual foi descrito nos parágrafos anteriores dessa metodologia;
2. Identificar os elementos do material: descrever os sentidos literais dos desenhos das crianças.
3. Análise de níveis de significação mais altos: neste último estágio atenta-se aos elementos conotativos, como esses elementos se relacionam uns com os outros e os elementos culturais exigidos para ler o material.

Em cada categoria, o professor-pesquisador produziu uma narrativa (auto)biográfica de acordo com a experiência vivida nas intervenções das aulas de EF, para que, o entrecruzamento de narrativas (desenhos e (auto)biografia), ampliasse a contextualização das produções, qualificando o exercício de análise.

Por fim, este trabalho, por se basear em dados oriundos de uma dissertaçãoⁱ¹, contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisaⁱⁱ². As famílias que se sentiram à vontade com a participação de seus filhos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cientes de que os dados seriam utilizados para fins científicos, com a garantia do anonimato das crianças envolvidas.

Narrativas e Relações em Jogo

A princípio, iniciamos com a narrativa (auto)biográfica docente que nos situa sobre o porquê da escolha de trabalhar jogos e brincadeiras tradicionais.

Trabalhar com jogos e brincadeiras no início do ano costuma ser um hábito que tem o intuito de proporcionar a aproximação entre as crianças e eu. Devido à pandemia e ao afastamento social, acreditei que no retorno presencial às aulas, este tema poderia estreitar vínculos, haja vista que os encontros ocorriam por uma hora, uma vez na semana. Contudo, as crianças demonstraram que minhas expectativas precisariam ser reelaboradas. Era a primeira vez que me deparava com uma turma de 6 e 7 anos que não queria brincar e que não se reconhecia enquanto grupo. Ao passo que compreendia que várias destas questões se justificam tanto pela pandemia quanto pelo desenvolvimento da própria

Representações discentes sobre as relações com os saberes compartilhados nas aulas de educação física: narrativas (auto)biográfica de um professor-pesquisador

criança, considerei curioso e me senti frustrado com tamanha resistência com as propostas. Elas gostavam de brincar especialmente de futebol, pique fantasma e com alguns brinquedos do parquinho. Caso algo novo fosse apresentado, havia um movimento de, aos poucos, cada criança sentar-se às margens da quadra (Professor-pesquisador, excerto de narrativa, 2023).

O contato presencial com as crianças, de início, apresenta preferências e resistências que parecem atravessar os laços afetivos. Ao ler esta breve contextualização evidencia-se uma contradição em relação ao desejo pelo brincar. Não é que as crianças não gostassem, mas que suas predileções estavam vinculadas às práticas, brinquedos e colegas que as mobilizam a brincar.

Entretanto, uma das funções sociais da escola é, também, induzir os sujeitos à construção de novas relações com os saberes (So et al., 2020), a narrativa do professor aponta que este processo pode causar estranhamentos e recusas no início. Por isso, há a aposta no tempo pedagogicamente necessário para identificação e explicitação de relações com os saberes a partir das vivências, experiências, pensamentos e argumentos, como sugere Venâncio (2019).

Apostei em algumas estratégias como o diálogo com a professora polivalente, para entender melhor o perfil da turma e elaborarmos intervenções em conjunto buscando o engajamento das crianças; conversar com a própria turma para compreender o que estava acontecendo, o que elas estavam sentindo diante do novo, o porquê de tanta resistência; brincar com elas; e o tempo. Eu sabia que, mais do que tentar convencê-las, precisava de tempo para melhorar nossa aproximação e confiança. Diante das reflexões, na semana seguinte, propus algumas regras e combinados sobre as aulas de EF: era preciso experimentar pelo menos 5 minutos de cada brincadeira apresentada, caso realmente não gostasse, poderia esperar até mudar de proposta. No início continuamos a ter resistências, mas senti que as crianças começaram a ser capturadas pelo universo lúdico de cada situação brincada. Os 5 minutos se tornaram 15, depois 20 minutos de vivências (Professor-pesquisador, excerto de narrativa, 2023).

O diálogo e intervenções entre professor-pesquisador, professora polivalente e crianças, possibilitou que os saberes referentes aos dispositivos relacionais fossem mobilizados. A dinâmica relativa ao tempo precisou, paralelamente, estar associada a atividades que fizessem emergir outras condutas relacionais que tensionassem os/as participantes e promovessem vivências e experiências com os jogos e as brincadeiras tradicionais (Venâncio; Sanches Neto, 2019).

Após cerca de seis semanas, o grupo foi se reconfigurando: enquanto alguns ainda resistiam, a maioria se envolvia nas propostas, o que possibilita novas relações. As crianças começaram a pedir jogos específicos, mostrando identificação com as novidades e desinteresse por atividades repetidas no cotidiano. As regras mediadas pelo professor-pesquisador ajudaram a consolidar essa relação identitária com o saber. Aos poucos, até os mais resistentes se engajaram, abrindo-se à experiência. Com isso, novas figuras do aprender foram mobilizadas e novas relações estabelecidas (conforme visualizamos no Quadro 1) e agregadas às experiências que já possuíam.

Quadro 1: Figuras do aprender ao longo do trabalho com o tema “Jogos e Brincadeiras”

Objeto-Saber	Objeto a Ser Aprendido	Atividade de Domínio	Dispositivos Relacionais
Pique fantasma, amarelinha, vôlei infinito, queimada 4 cantos, bolinha de gude, pular corda e pular elástico.	A quadra, giz, pedra, bola de vôlei, bola de queimada, bolinha de gude, corda e elástico.	Arremessar a bola e a pedra, passar a bola, equilibrar, segurar a bola, desviar, pular, cantar, mirar.	Relações de amizades entre grupos maiores, fazer acordos, lidar com novas frustrações, ser acolhido por um/a adulto/a ou criança, dialogar, brigar.

Fonte: acervo dos/as autores/as (2023)

As falas das crianças — presentes ao final da narrativa do professor-pesquisador — sobre as expectativas com relação ao que iriam fazer corroboram a importância de se trabalhar com esse conteúdo na escola. Torna-se visível como a ponte construída entre a história, a sociedade, a cultura destas crianças e de outras gerações, assim como a ampliação de repertórios do brincar, mobiliza os/as sujeitos/as a transformar a cultura e criar saberes (Kishimoto, 1993; Palma *et al.*, 2015). Tomemos como exemplo a Figura 1 para essas reflexões:

Figura 1: Desenhos representando vôlei infinito, pique fantasma, bolinha de gude e queimada 4 cantos.



Fonte: acervo do professor-pesquisador (2023)

Representações discentes sobre as relações com os saberes compartilhados nas aulas de educação física: narrativas (auto)biográfica de um professor-pesquisador

Em uma folha A4, a criança representou quatro brincadeiras vivenciadas nas aulas, mesmo tendo sido solicitado apenas um desenho - em que preferiu o uso do lápis de escrever. Cada uma foi organizada em colunas, com elementos visuais que remetem às práticas, como fantasmas, bolinhas de gude e uma rede de vôlei. Curiosamente, alguns traços vêm de objetos concretos usados nas aulas, enquanto outros surgem de abstrações ou conhecimentos prévios, como a rede — que não esteve fisicamente presente.

Neste exemplo, observamos como a criança articula saberes prévios com as aprendizagens construídas em aula, evidenciando o que Venâncio (2014; 2019) aponta sobre as práticas linguageiras como modo de enunciação das relações. O desenho revela a apropriação das regras, do uso dos objetos e da presença dos participantes nos jogos, incluindo dimensões subjetivas. Tais registros não apenas trazem pistas do que foi aprendido, mas expressam desejos singulares, atravessados por uma dinâmica relacional. Nessa perspectiva, o desejo de aprender se entrelaça ao desejo de desejar o desejo do/a outro/a na temporalidade das relações com os saberes (Venâncio, 2019).

As intervenções pedagógicas do professor-pesquisador seguem com a proposta da vivência com o jogo/brincadeira. Neste tema, as crianças deram destaque à Amarelinha. Percebe-se que o objetivo de ampliar o repertório da cultura do brincar e estreitar as relações sociais entre as crianças e entre elas e professor foi desenvolvendo-se, e as tramas desenrolando-se de maneira gradativa conforme a narrativa do docente.

Não sei dizer ao certo quando os nossos nós começaram a se desenrolar dos apertos, das adaptações, dos enfrentamentos, para construir laços. Às quintas-feiras, eu ia dar aula para eles/as com um certo receio. Não sabia se iriam gostar, embarcar na nova proposta, mas tinha a percepção que estavam mais seguros/as e participativos/as. Ao indagá-los/as sobre a brincadeira amarelinha, eles/as responderam de imediato que sabiam como brincar. Nas demonstrações, cada sujeito/a fazia do seu jeito. Considerei interessante, refletindo que alguns jogos tradicionais parecem tão óbvios e internalizados, mas nas vivências se mostram brincadeiras com regras flexíveis. Nesse sentido, as/os desafiei a jogar com a seguinte regra: cada um/a iria pegar uma brita e lançaria o objeto no número 1. Ao pular a amarelinha a criança deveria saltar sobre o número em que a pedrinha estava e pisar apenas nos próximos, indo de uma extremidade a outra e atentando-se que, ao retornar, deveria pegar a pedrinha no chão antes de terminar o trajeto. Outra regra é que a criança poderia pisar ou de um pé só, ou com os dois, dependendo do desenho tracejado. Toda vez que conseguissem pular, sem errar, poderiam arremessar a pedrinha para o próximo número e seguir as mesmas orientações (Professor-pesquisador, excerto de narrativa, 2023).

As “amarelinhas” evidenciam aspectos sociais e culturais nas vivências dos/as estudantes, marcadas por formas mais individualistas e ausência de regras comuns. Embora a brincadeira assuma diferentes configurações em função de sua dinamicidade (Kishimoto, 1993), é importante que existam códigos compartilhados entre os sujeitos, já que se refere a saberes construídos e mobilizados em sociedade. Diante disso, o professor-pesquisador propôs um modo de jogar coletivo, provocando tensões e promovendo novas relações. O objetivo buscou romper com lógicas individualistas e ampliar o repertório dos/as estudantes com experiências coletivas. A partir disso, foram mobilizadas as seguintes figuras do aprender:

Quadro 2: Figuras do aprender ao longo do trabalho com o tema “amarelinha”

Objeto-Saber	Objeto a Ser Aprendido	Atividade de Domínio	Dispositivos Relacionais
Amarelinha.	Giz e brita.	Pular, saltar, enumerar, arremessar, mirar, equilibrar, atentar.	Relações de amizades entre grupos maiores, fazer acordos, lidar com novas frustrações, ser acolhido por um adulto ou criança, dialogar, brigar.

Fonte: acervo dos/as autores/as (2023)

A princípio as crianças consideraram fácil, pois o número 1 era a casa da amarelinha mais próxima delas. Mas, seguindo o jogo, o desafio se transformou em acertar a pedrinha no próximo número. O momento ficou tenso e intenso porque crianças da educação infantil que dividiram o espaço do pátio conosco e observavam o que acontecia na aula começaram a sentar e assistir às tentativas. Na semana seguinte, as professoras referências me relataram que as crianças começaram a pedir mais amarelinhas, seja aquela vivenciada na aula de EF, ou com outras construções (Professor-pesquisador, excerto de narrativa, 2023).

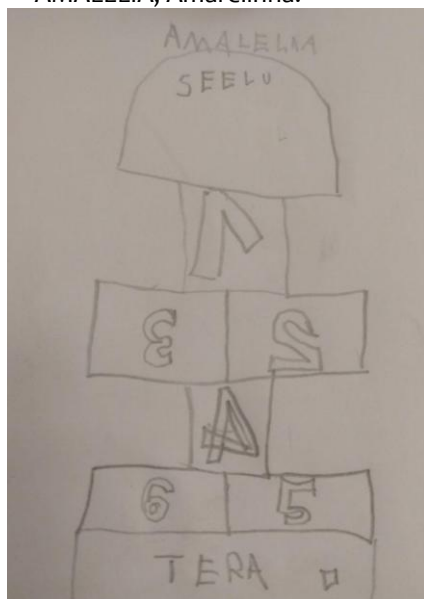
Figura 2: Desenho de uma amarelinha: onde está escrito “ATEISANO” pode-se ler “atenção”



Fonte: acervo do professor-pesquisador (2023)

Representações discentes sobre as relações com os saberes compartilhados nas aulas de educação física: narrativas (auto)biográfica de um professor-pesquisador

Figura 3: Desenho de uma amarelinha: onde está escrito “TERA” pode-se ler “terra”, “SEELU”, céu e AMALELIA, Amarelinha.



Fonte: acervo do professor-pesquisador (2023)

Anteriormente a análise da narrativa do professor-pesquisador, descreveremos a Figura 2 e a Figura 3 para, posteriormente, compreender o que esses signos imagéticos e textuais trazem à tona.

A Figura 2 é um desenho de uma amarelinha feita na horizontal, dividida da seguinte forma da direita para esquerda: MÃE (colorida de amarelo), 1, 2, 3 e 4 (colorido de azul). Apesar de não ser desenhado o céu ao final da trajetória, comum em outras amarelinhas, a criança colore o fundo do desenho de azul - podendo indicar o céu, o chão, ou como escolha estética na composição geral do desenho. No canto central superior ao desenho, lemos a palavra “ATEISANO”.

A Figura 3 é um desenho feito da vertical, sem colorir. A divisão da brincadeira, vista de baixo para cima, foi organizada da seguinte forma: TERA, 6, 5, 4, 3, 2, 1, SEELU e AMALELIA. Enquanto estilo da escrita da criança, há uma opção em desenhar os números.

Dialogando com Venâncio (2019), destacamos os enunciados linguageiros das crianças, como movimentos, desenhos e hipóteses de escrita. Na Figura 1, chama atenção a escolha de colorir o jogo de amarelo, criando uma espécie de metalinguagem. Outro ponto marcante é a atenção, evidenciada como requisito interpessoal essencial para o brincar. Ao confrontar esse dado com a narrativa docente, percebe-se que a atenção não opera apenas sob uma lógica pedagógica, mas está atravessada pela ludicidade. Sem ela, o avanço no jogo seria

comprometido. Esse indicativo revela uma “imbricação do eu” (Charlot, 2000), a partir do domínio de uma atividade engajada no mundo.

A maneira como cada criança opta por construir seu jogo nos registros traz elementos para a discussão de suas relações identitárias e sociais com este saber, bem como traz possibilidades para desarmar sua aprendizagem. A título de exemplo, a amarelinha vivenciada na aula era composta pelos números e, na outra ponta, as crianças optaram por colocar a palavra “terra”, “mãe” ou “céu”.

Ao final da narrativa, o docente reforça alguns elementos fulcrais da vivência dos jogos, das brincadeiras e do fenômeno lúdico, quando as crianças desejam realizar as práticas em outros momentos, além das aulas, demonstrando que o jogo pode ter uma função social de construir novas relações com o outro e o espaço que ocupa (Kishimoto, 1993; Huizinga, 1938).

A terceira categoria de análise são os “piões”. Como um jogo e brincadeira tradicional, tratamos aqui do exercício conjunto de construção de um brinquedo e do estímulo à prática educativa a partir da percepção da mudança das relações com os saberes das crianças com a temática, ao se mostrarem mais mobilizadas que anteriormente, expressas nos seguintes relatos:

Eu tento, enquanto desafio, me propor a construir brinquedos com as crianças todos os anos. É uma tarefa difícil, pois não tenho tanta habilidade e sempre acho que vai dar errado. Mas, ao mesmo tempo, se desse errado, era só a gente refazer, seja no mesmo dia ou em outro. Vi alguns vídeos na internet, testei em casa, separei os materiais e fui para a escola. Papelão, tesoura, tampa de garrafa pet, palito de churrasco e lápis, canetinha, giz e outros adereços para enfeitar como quisessem. Quando cheguei, reservei um espaço para confeccionarmos os brinquedos. Assumo que achei que as crianças ficariam agitadas, ou achariam a proposta chata por não ser no pátio, mas, na verdade, mostraram-se atentas e desejando aprender. (Professor-pesquisador, excerto de narrativa, 2023).

O docente revela certa surpresa ao perceber que, mesmo fora do espaço tradicional do pátio e da lógica da brincadeira corporal, as crianças demonstraram curiosidade e interesse diante da proposta de confeccionar brinquedos. Esse momento coletivo de construção mobilizou uma diversidade de saberes, configurando-se como uma experiência rica de ensino, aprendizagem e formação dos/as sujeitos/as. Trata-se de saberes vinculados a uma dimensão artesanal, a um fazer manual que remete a ofícios e modos de vida, e que possibilita às

Representações discentes sobre as relações com os saberes compartilhados nas aulas de educação física: narrativas (auto)biográfica de um professor-pesquisador

crianças estreitar vínculos consigo e com os/as outros/as a partir das produções que emergem dessa experiência.

Materiais disponibilizados. Expliquei como faríamos, em que momentos eu iria ajudar e logo estávamos começando a construir. As crianças descobriam desenhos em papelões diferentes que as atraíam mais, pegavam os materiais para enfeitar, testavam os piões, reconstruímos quando necessário, testamos de novo até cada uma ficar satisfeita com sua produção. Algumas crianças brincaram, tentando observar quanto tempo seu pião rodava, outras tentaram testá-los em planos mais inclinados e havia aquelas que queriam mostrar aos/as adultos/as o que produziram e como enfeitaram, em que o jogar o pião não estava em jogo (Professor-pesquisador, excerto de narrativa, 2023).

Em diálogo com a narrativa do docente, podem-se evidenciar as seguintes figuras do aprender, expressas no Quadro 3:

Quadro 3: Figuras do aprender ao longo do trabalho com o tema “Piões”

Objeto-Saber	Objeto a Ser Aprendido	Habilidade de Domínio	Dispositivos Relacionais
Construção de piões.	Tesoura, palito de churrasco, papelão, canetinha, lápis de cor, cola, tampa de garrafa pet.	Confeccionar, recortar, colar, girar o pião com os dedos, decorar.	Ajudar na confecção do outro, mostrar aos amigos ou aos adultos sua produção, fazer acordos.

Fonte: acervo dos/as autores/as (2023)

A partir destes contextos, partimos para a análise da Figura 4 e 5:

Figura 4: Desenho de uma mão jogando um pião



Fonte: acervo dos/as autores/as (2023)

Figura 5: Desenho de criança brincando com vários piões.



Fonte: acervo dos/as autores/as (2023)

A figura 4 é um desenho, feito na folha de papel A4, na horizontal, em que se tem uma mão e um braço, colorida de rosa claro, usando uma camisa colorida. Ao seu lado temos um pião, com uma haste de madeira, e colorido de azul e vermelho. Pela posição dos dedos da mão, é possível notar a técnica usada para lançar o pião - ao utilizar o dedo indicador e o polegar.

A figura 5 foi desenhada numa folha de papel A4, e temos o desenho de mais piões de várias cores, uma criança, aparentemente feliz, brincando, uma amarelinha ao lado pintada de verde, e personagens coloridos que parecem representações do jogo *Among us*. Esse desenho parece trabalhar com uma ideia de perspectiva, em que a criança traz os piões mais à frente e maiores.

Por meio das duas descrições, é possível perceber que a confecção dos piões possibilitou às crianças a elaboração de novos elementos intersubjetivos. Na figura 4, observa-se uma criança ao centro, apresentando a técnica aprendida enquanto experimenta o ato de jogar o pião. Já na figura 5, além das interações entre diversos piões, surgem referências a outros temas já trabalhados em aula, como a amarelinha, bem como a representação de um jogo virtual que, possivelmente, a criança vivencia em outros espaços de convívio.

Kishimoto (1994) aponta que, ao jogar, a criança não visa criar ou desenvolver algo, mas se interessa pelo processo do jogo em si. Para a autora, pode-se destacar alguns móveis

Representações discentes sobre as relações com os saberes compartilhados nas aulas de educação física: narrativas (auto)biográfica de um professor-pesquisador

no jogo: a incerteza, o imprevisto da ação do/a jogador/a, as motivações internas, os fatores externos e a conduta dos/as parceiros/as.

As crianças tiveram interesses diferentes após a construção dos piões: brincar, refazer e mostrar para o/a outro/a o que produziu. Por meio das narrativas expressas por elas, observamos a diferença em relação ao início do trabalho quando preferiam brincar sozinhas. Sendo assim, pode-se inferir que houve uma construção de relação de identidade com este saber, a partir de como cada sujeito/a se construiu a si mesmo/a na confecção dos piões.

Eu, que no início estava apreensivo com minhas expectativas, fui embora com um sentimento de que o cotidiano da escola é, na verdade, inconstante. Podemos tentar prever, planejar a partir do que conhecemos das turmas, mas haverá surpresas, novas descobertas e novas relações (Professor-pesquisador, excerto de narrativa, 2023).

Considerações Finais

Quando retomamos o objetivo do trabalho, a partir da análise das narrativas, compreendemos que as relações com os saberes foram mobilizadas a partir do estabelecimento e fortalecimento dos vínculos entre crianças e professores/as. Isso foi possível a partir das intervenções do professor-pesquisador, do diálogo com as professoras polivalentes, em conjunto com a noção do tempo pedagogicamente necessário. Isso possibilitou que as crianças se mobilizassem e acessassem novos universos lúdicos, descobrindo novas predileções e modos de *se-movimentar* (Venâncio; Sanches Neto, 2019a).

Nos registros referentes as amarelinhas, as crianças trouxeram pistas acerca de seus aprenderes, como: a ideia de “atenção”, o uso da palavra “mãe”, a tentativa da escrita, o desenho da trajetória da amarelinha e a vivência corporal da brincadeira, mostra o que mobilizou as crianças a se engajarem intersubjetivamente neste jogo.

Os piões, ratificam esse processo, pois parecem concretizar esse desejo maior do grupo em fortalecer os laços, aprender juntos, sem deixar de imprimir suas subjetividades. Não obstante, cada estudante elaborou e experimentou esses objetos a seu modo seja testando suas capacidades, a partir de uma estética, reconstruindo-os quando necessário ou mostrando para o/a outro/a (adulto/a ou criança).

Nessas narrativas, os/as sujeitos/as revelam os significados que a experiência proporcionou. Para compreendê-los, é fundamental reconhecer os modos de expressar esses

saberes por meio de práticas linguageiras. Os dados indicam que as crianças mobilizam diferentes linguagens para dar sentido às aulas: desenhos, escritas, movimentos, oralidade, entre outras. Isso implica afirmar que o saber não pode ser compreendido de forma isolada, restrito a uma ou outra disciplina, mas como algo vivo, que, ao ser incorporado pelo/a sujeito/a, permite a construção de um repertório amplo para expressar suas compreensões e desejos

Contudo, é importante lembrar que a construção de novas relações com os saberes não ocorre de forma linear, nem se esgota em algumas sequências de aulas. Mesmo com o grupo demonstrando mais segurança ao longo do processo, resistências ainda surgiam, nos desafiando, enquanto docentes, a criar novos diálogos e estratégias.

No acompanhamento das explicitações das relações com esses saberes, percebemos que, ao sistematizar esta temática nas aulas de EF, houve uma apropriação e um aumento em seu universo lúdico, reforçando que nós — professores/as-pesquisadores/as deste componente curricular — podemos tanto contribuir para manter vivo este patrimônio da humanidade quanto para fortalecer as relações das crianças consigo mesmas, com o/a outro/a e com o mundo que habitam.

Referências

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

GOBBI, Maria Aparecida. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 3. ed. São Paulo-SP: Autores Associados, 2009. p. 67-99.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos Tradicionais Infantis**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. **Perspectiva**, v. 12, n. 22, p. 105-128, 1994.

MARIN, Elizara Carolina. Jogo tradicional: patrimônio material e imaterial. In: **12º Congreso Argentino de Educación Física y Ciencias 13 al 17 de noviembre 2017 Ensenada, Argentina. Educación Física: construyendo nuevos espacios**. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Educación Física, 2017.

Representações discentes sobre as relações com os saberes compartilhados nas aulas de educação física: narrativas (auto)biográfica de um professor-pesquisador

MARIN, Elizara Carolina. Por uma educação de promoção e salvaguarda dos jogos tradicionais: entrevista com Pere Lavega-Burgués. **Debates em Educação**, v. 14, n. 34, p. 430-441, 2022.

MORAES, Dislane Zerbinatti; SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa (auto) biográfica em análise: entre diálogos epistemológicos e teórico-metodológicos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 1, n. 1, p. 10-13, 2016.

PALMA, Míriam Stock; ALMEIDA, Bruna Góis Soares; TURCATI, Vanessa Borowski; PONTES, Maicon Felipe Pereira. Jogos tradicionais no contexto educativo. **Kínesis**, v. 33, n. 2, p. 99-113, 2015.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 11h ed. Trad Pedrinho AG. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e pesquisa**, v. 32, n. 02, p. 329-343, 2006.

SANCHES NETO, Luiz. A brincadeira e o jogo no contexto da educação física na escola. In: SCARPATO, Marta; CAMPOS, Márcia Zendron de (Orgs.). **Educação física: como planejar as aulas na educação básica**. 3ª ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2024. p. 115-136.

SILVA, Antonio Jansen Fernandes da; SILVA, Cybele Camara da; TINÔCO, Rafael de Gois; ARAÚJO, Allyson Carvalho de; VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz; FREIRE, Elisabete dos Santos; CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti da. Dilemmas, challenges and strategies of physical education teachers-researchers to combat covid-19 (SARS-CoV-2) in Brazil. **Frontiers in Education**, v. 6, n. 583952, p. 1-15, 2021.

SILVA, Jane Maria Braga; CARNEIRO, Reginaldo Fernando. Trilhando caminhos na pesquisa narrativa: abordagens e dispositivos. **Educação em Foco**, v. 28, p. 1-18, 2023.

SO, Marcos Roberto; RODRIGUES, Gilson Santos; PRODÓCIMO, Elaine; USHINOHAMA, Tatiana Zuardi; BETTI, Mauro. Gosto, importância e participação: a relação dos estudantes do ensino médio com a Educação Física. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, 23 p., 2020.

SOUZA, Luana Nunes de; BARROS, Priscila de Figueiredo; VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. Estágio supervisionado em educação física na educação infantil e no ensino fundamental: narrativas (auto)formativas. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, v. 7, n. 2, p. 14-23, 2020.

VENÂNCIO, Luciana. A relação com o saber e o tempo pedagogicamente necessário: narrativas de experiência com a educação física escolar. **Revista de Estudos de Cultura**, v. 5, n. 14, p. 89-102, maio/ago. 2019.

VENÂNCIO, Luciana. **O que nós sabemos?** Da relação com o saber na e com a educação física em um processo educacional-escolar. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2014.

VENÂNCIO, Luciana; SANCHES-NETO, Luiz. A relação com o saber e a corporeidade em movimento: aproximações com o comportamento inteligente na educação física escolar. **Revista @mbienteeducação**, v. 12, n. 1, p. 125-136, 2019a.

VENÂNCIO, Luciana; SANCHES-NETO, Luiz. A relação com o saber em uma perspectiva (auto)biográfica na educação física escolar. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 4, n. 11, p. 729–750, 2019b.

VENÂNCIO, Luciana; SANCHES-NETO, Luiz. Brincadeira e jogo. In: DARIDO, Suraya Cristina (Org.). **Educação física escolar: compartilhando experiências**. São Paulo: Phorte, 2011. p. 35-49.

Notas

ⁱEsta dissertação não contou com financiamento de qualquer agência de incentivo a pesquisa.

ⁱⁱProtocolo do CEP: CAAE: 69403323.0.0000.5149

Sobre os/as autores/as

Pedro Gabriel Viana do Amaral

Professor de Educação Física da rede pública e privada de Belo Horizonte. Possui formação em Educação Física, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/2024), integrante do Grupo de Estudos em Educação Física Escolar e Relações com os Saberes (GEPEFERS).

E-mail: pedrogabrielviana@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7808-1408>

Darlene Fabri Ferreira Rocha

Professora de Educação Física na Educação Básica no município de Cariacica, ES. Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos - CEFD UFES. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Relações com os Saberes - GEPEFERS. Integrante do Laboratório de Estudos em Educação Física - LESEF. Licenciatura em Educação Física pela Faculdade Salesiana do Espírito Santo (2016).

E-mail: dffrocha@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5524-0616>

Luciana Venâncio

Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista/Unesp-Rio Claro, Especialista em Educação Física Escolar/FEF-Unicamp, Mestre em Educação Física Escolar/Unesp-Rio Claro, Doutora em Educação pela Unesp-Presidente Prudente. Bolsista Doutorado FAPESP (2010-2014). Pós-Doutorado em Educação na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física Escolar e Relações com os saberes (GEPEFERS).

E-mail: luvenancio@ufc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2903-7627>

Luiz Sanches Neto

Professor adjunto da Universidade Federal do Ceará (UFC), no Instituto de Educação Física e Esportes (IEFEs). Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Vice-Líder do GEPEFERS (IEFEs-UFC). Licenciado em Educação Física (1997-99) pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre (2000-3) e Doutor em Pedagogia da Motricidade Humana (2011-14) com Pós-Doutorado em Educação (2015-16) pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

E-mail: luizsanchesneto@ufc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9143-8048>

Recebido em: 06/02/2025

Aceito para publicação em: 27/03/25